# GLOSSÁRIO NEOLÓGICO DO "EU E OUTRAS POESIAS" DE AUGUSTO DOS ANJOS

Elimar Beatriz Borges<sup>1</sup> (UFU)

**RESUMO:** O presente trabalho pretende focalizar a criação lexical no texto literário, para isso será feito estudo de todos os neologismos constantes na obra **Eu e outras poesias** de Augusto dos Anjos, na construção de um glossário. A importância do neologismo literário está justamente na sua intenção de tocar o leitor, ao criar novos semas. Mas esses semas devem ser entendidos dentro do contexto, e é essa intenção do trabalho, criar um glossário com significado, de acordo com o contexto, dos neologismos constantes na obra acima.

**ABSTRACT:** The present work intends to focus the lexical creation in the literary text, for that it will be made study of all of the constant neologisms in the work Me and other poetries of Augusto of the Angels, in the construction of a glossary. The importance of the literary neologism is exactly in his/her intention of playing the reader, when creating new semas. But those semas should be understood inside of the context, and it is that intention of the work, to create a glossary with meaning, in agreement with the context, of the constant neologisms in the work above.

### 1. Introdução

Tendo em vista que o tema deste trabalho é o estudo dos neologismos de Augusto dos. Anjos<sup>2</sup> para a criação de um glossário, a análise será situada no âmbito da criação lexical literária, com base nos estudos da Lexicografia. O aspecto mais significativo da pesquisa é entender que, para a criação do neologismo, há que se considerar seus processos geradores. De acordo com Guilbert (1975), são quatro os tipos de processos geradores da neologia lexical: o neologismo fonológico, semântico, sintagmático e alogenético.

Em oposição a neologia fonológica, a neologia semântica pode-se definir pelo aparecimento de uma nova significação no espaço de um mesmo segmento fonológico. Mas a identidade do segmento fonológico não poderia trazer como conseqüência a possibilidade de afirmar que um sentido se possa manifestar lingüisticamente independente da forma significante, ainda menos no âmbito da unidade lexical. Toda criação semântica de caráter lexical se traduz por uma nova união entre um significante e um significado. Para definir uma neologia fonológica, é preciso que se questione se, pelo simples jogo de combinação de fonemas específicos à língua, é possível formar uma substância nova significante. Certamente, toda criação lexical, mesmo que seja às vezes morfológica e semântica, resulta parcialmente de uma combinação fonológica inédita de unidades mínimas.

Enquanto o neologismo fonológico resulta de um novo recorte cultural instaurado por uma grandezasigno, o neologismo semântico é gerado a partir de uma grandeza-signo já existente. A expressão do signobase é conservada e um novo conteúdo é atribuído, chegando a um novo recorte cultural; novos vocábulos são criados a partir dos já existentes. Há uma dinâmica das relações inter-conteúdos. Os processos de criação do neologismo fonológico, semântico, sintagmático e alogenético, portanto, permitem estruturar, codificar a informação potencial em signos lingüísticos, elementos lexemizados.

Visto que o neologismo semântico possibilita a criação de novas palavras apoiado em uma base significante e significado, o nelogismo semântico literário, então, deve ser considerado em cada obra manifestada, ou no mínimo, em suas sub-áreas, pois reúne aspectos dos vários universos de discurso, diferindo-se do âmbito técnico-científico, que tem um vocabulário próprio e específico; não variam nem abrangem outras áreas, como acontece com o literário. Por isso, parece pouco produtivo avaliar a questão no conjunto das obras.

A justificativa do estudo do léxico de A.A. para a criação de um glossário, portanto, é pelo fato de que suas criações são possíveis lingüisticamente, porque partem de uma base já existente na língua, mas, dentro do contexto, e com as formações utilizadas pelo autor, as palavras impregnam-se de um novo sema, que implicará um sentido inédito para a base inicial. Mediante tais reflexões, levanta-se a seguinte hipótese: a língua está aberta a inúmeras criações que possibilitam o surgimento de novas unidades lexicais, e o texto poético é uma fonte rica na criação dessas novas unidades, pois o poeta cria intencionalmente. Por isso, A. A., apoiado em bases já

-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> elimarbb@bol.com.br

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Augusto dos Anjos: doravante identificado pela sigla A. A.

lexicalizadas na língua, criou neologismos, adaptando-lhes semas novos, ou melhor, novos sentidos, diferentes dos já lexicalizados, ou seja, os neologismos criados pelo poeta, dentro do contexto, receberam novos valores.

### 2. Revisão da Literatura

A composição dos vocábulos, ou melhor, a criação lingüística tende a apoiar-se no significante e no significado. Todo exercício do idioma resulta do uso de sinal lingüístico como símbolo da realidade. Tal realidade abarca o mundo externo, que abrange uma realidade específica. E Guilbert diz que por abarcar esse mundo exterior:

O signo lingüístico é, então, um símbolo com relação à realidade exterior, dotado de uma realidade específica, como signo lingüístico de dupla face (face <<significante>> e face <<significado>>); a denominação reside no estabelecimento da correspondência entre uma substância <<significante>> e um conteúdo <<significado>> e não diretamente entre a realidade não lingüística e o signo lingüístico. A segunda forma da criatividade lingüística é a reunião dos signos lingüísticos em um encadeamento ou enunciado que forme a unidade de significação da frase. Designação por um signo lingüístico e formação de frases têm como objetivo a comunicação de mensagens entre os indivíduos de uma mesma comunidade<sup>3</sup>. (GUILBERT,1975, p. 15)<sup>4</sup>

A partir desse momento, as citações serão traduzidas no bojo do trabalho e o texto original vem em forma de nota de rodapé.

A criatividade lexical, então, tem duas formas, por um lado, o sinal lingüístico como símbolo pela realidade exterior e que possui uma face significando e significado, em que a denominação reside na relação entre a substância significativa e um conteúdo significado; por outro, a criatividade reside na reunião de sinais lingüísticos no contexto enunciado. Ou seja, por terem um número ilimitado de sinais, os signos funcionam como representantes de uma infinidade de situações, o que permite a produção de uma infinidade de frases. A neologia lexical está justamente na simbolização lingüística, por isso a nova criação depende do contexto, pois só ele trará o significado, comum a um determinado grupo da sociedade.

Os signos que compõem a língua como veículos de comunicação resultam da necessidade de uma representação da expressão e, por isso, comum a todos os indivíduos de uma determinada comunidade lingüística, para que eles possam se comunicar e se compreenderem uns aos outros. Por isso, a linguagem é considerada um fato social, inerente a uma sociedade, submetida ao lugar da evolução desta. É um fato social, também, porque funciona e admite mudanças de regras lingüísticas entre os indivíduos que dela fazem uso. Por isso é arbitrária, sofre mudanças, e está em contínua transformação. Esta transformação decorre da arbitrariedade do signo lingüístico, no mundo de correspondência entre o símbolo lingüístico e o referente instituinte de certa liberdade de criação dos signos; vale lembrar que o significante nada tem a ver com seu significado, a relação é convencional e arbitrária, entretanto, passível de mudanças.

Como o sistema permite a criação de novos vocábulos, surgem os neologismos, que para Hjemslev (1966 apud GUILBERT, 1975) são formações de signos completamente novos a partir de regras relativas à formação de palavras. Mas para Guilbert (1975), "essas criações sofrem algumas restrições no campo gramatical, pois as oposições à mutabilidade da forma fonética, o sistema gramatical aparece como rebelde à modificação" (GUILBERT, 1975, p. 28). A história mostra que, para haver uma mudança na língua, são necessários vários séculos. Mas se a mutação gramatical caracteriza-se por sua lentidão, ela pode ser inteiramente dissociada da mutação fonética, que é mais rápida. Na realidade, parece que as modificações sintáticas são provocadas pela evolução fonética. Isso só comprova que não há, então, permanência absoluta de regras do sistema gramatical. O que se tem é, de um lado, as formas fonéticas que permitem mudanças e, de outro, as regras gramaticais que se impõem, tentando travar a expansão do léxico. Anteriormente, era mais difícil aceitar as mudanças, por isso mutação fonética diferencia-se, e muito, da mutação gramatical — a segunda possui um processo lento de mutação, ao contrário da primeira, que se distingue pela rapidez em que se transforma.

communication de messages entre les individus d'une même communauté." (GUILBERT, 1975, p. 15)

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Le signe linguistique est donc un symbole par rapport à la réalité extérieure, doté d'une réalité spécifique en tant que signe linguistique à double face (face «signifiant » et face «signifié»); la dénomination réside dans l'établissement de la correspondence entre une substance «significant» et un contenu «signifié» et non directement entre la rélité non linguistique et le signe linguistique. La second forme de la créativité linguistique est la réunion des signes linguistiques dans un enchaînement ou énoncé qui forme l'unité de signification de la phrase. Désignation par un signe linguistique et formation de phrases ont pour but la

Mesmo para o neologismo fonético, entretanto, há várias formas de verificar se os enunciados estão de acordo com as regras inerentes à estrutura profunda da língua. Chomsky (1969 apud GUILBERT, 1975) recorre ao conceito de gramaticalidade, cuja definição é feita em relação à competência de um falante ideal, pertencente a uma comunidade lingüística completamente homogênea, que domina a sua língua, e tem um desempenho considerado ideal. O falante nativo, ao emitir um determinado enunciado, não fere as regras estruturais de sua língua, ainda que não domine todo o vocabulário ou todas as estruturas gramaticais de sua primeira língua. Resta determinar se o locutor-auditor ideal pode ser a testemunha de referência para definir uma competência lexical e desempenhar uma norma lexical.

Entende-se, então, que é a dualidade do léxico significante/significado que é responsável pela estrutura da língua e permite que ela participe da evolução do mundo e acompanhe suas transformações, sobretudo no domínio da significação que sua representação implica. A língua também envelhece, mas se enriquece com o surgimento de novos elementos, por estar ligada ao número de referentes novos e à sua transformação. Se as regras gramaticais possibilitam ao locutor inúmeras combinações, o mesmo ocorre com o léxico, que pode ser reduzido a um conjunto de regras produtoras de uma infinidade de novas unidades.

As possibilidades de criação lexical na língua são denominadas pelos lingüistas como neologia lexical, melhor dizendo, a possibilidade de criação de novas unidades lexicais em virtude das regras de enunciação inclusas no sistema lexical. São as virtualidades. Para essa possibilidade de criação, esta espécie de gramática lexical não pode estar subordinada à delimitação de um estado de língua precisa. E por constituir tão-somente no sistema de criação lexical, ele prevalece sobre unidades de linguagem ligadas ao universo das coisas, às modalidades do pensamento, a todo o movimento do mundo e da sociedade.

A neologia lexical também é responsável por reunir essas novas unidades denominadas neologismos, surgidas num dado momento da vida de uma sociedade. Essas novas criações lexicais, ou neologismos, devem ser enquadradas em um dado período, em virtude de pertencerem à história do léxico, ligado à história da sociedade, em virtude da individualização das criações por locutores identificados na comunidade. As criações de A. A. inserem-se no período em que o autor as criou, e o não uso dessas unidades é que as caracterizam como neologismos.

Por não manter uma obediência exata à gramática, os textos literários, de certa forma, têm suas regras estéticas e ideológicas próprias, estão abertos a criações, é por isso que se encontra, nas obras literários, um número considerável de neologismos. O que faz, no entanto, com que determinado vocábulo seja considerado um neologismo? Não basta apenas que ele seja denominado como tendo um emprego inédito. É o que Guilbert (1975) afirma abaixo:

Na criação do neologismo, existem dois momentos de igual importância, o da produção e o da recepção pelos destinatários e entrada de um certo léxico. É considerando estes dois aspectos que M. Rheims, que reuniu um certo número de palavras << selvagens>> (Dictionnaire re mots sauvages, Larousse 1969), propõe fazer a distinção entre as palavras estranhas e surpreendentes e os verdadeiros neologismos sendo levado a evitar a palavra neologismo para designar as palavras que iventariou: << Após leitura do Littré, ocorre que qualquer palavra ressuscitada ou concebida novamente, no mesmo instante em que é impressa, [ e pode se acrescentar pronunciada ], corresponderá obrigatoriamente à sua definição de neologismo (...), as onomatopéias ou os fenômenos poéticos contemporâneos seriam neologismos: não seria então mais lógico decidir que somente as palavras de uso constante devem ser consideradas como tais, as outras devendo ser classificadas em rubricas ditas <<p>çoreciosidades>> ou <<curiosidades>> da linguagem>>.5" (GUILBERT, 1975, p. 44-45)

Ou seja, de acordo com o autor, o uso constante do vocábulo é que irá determinar se ele é ou não um neologismo. Será definido pela combinação de determinado número de variáveis que asseguram, às vezes, as regras morfossintáticas de produção da palavra, construída conforme a estrutura semântica geral subjacente à

d'usage constant doivent être considérés comme tels, les autres devant être classés sous des rubriques dites <<pre>cyréciosités>> ou ou <<curiosités>> du langage>>." (GUILBERT, 1975, p. 44-45)

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> - Dans la création du néologisme, il existe deux moments d'égale importance, celui de la production et celui de la réception par les destinataires et de l'éntrée dans un certain lexique. C'est en tenant compte de ces deux aspects que M. Rheims, qui a recueilli un certain nombre de mots <<sauvages>> (Dictionnaire des mots sauvages, Larousse 1969) propose de faire le départ entre les mots étranges et surprenants et les véritables néologismes et qu'il est amené précisément à éviter le mot néologisme pour désigner les mots qu'il a recensés: <<Aprés lecture du Littré, il ressort que tout mot ressucité ou nouvellement conçu, à l'instant même ou il imprimé, [et on pourrait ajouter promoncé], se trouvera obligatoirement correspondre à sa définition du néologisme (...), les onomatopées ou les phénomènes poétiques contemporains seraient des néologismes: ne serait-il pas alors plus logique de décider que seuls les mots

língua e a uma certa norma social que rege o léxico da língua. Porém, nesta pesquisa, acredita-se que esse não é o único critério: se fosse assim, não se poderia considerar a criação literária como um neologismo, só porque não está no uso diário dos indivíduos. As palavras que serão analisadas mais adiante, na tentativa de criar um glossário, então não são neologismos? Esta pesquisa considera que sim, pois foram criadas a partir de vocábulos já existentes, respeitam o sistema do léxico em questão, atualizam um sema novo, além de não serem atestados pelos dicionários.

Contudo, poder-se-ia questionar qual a intenção do autor em criar esse neologismo, principalmente no campo literário? É justamente porque ele tem a intenção de produzir um efeito inédito, diferente, em seu leitor; por isso o neologismo configura-se conforme as regras da gramaticalidade lexical, pois o locutor da criação pretende ser compreendido por seus interlocutores, mostrando que houve aceitabilidade de sua criação. E a nova criação vem para atender as necessidades de expressão do indivíduo no contexto em questão.

E essa possibilidade de criação de novas unidades na língua explica que a Lexicografia encontra-se dotada de uma potência soberana, mas está longe de mensurar quando um neologismo figurará no dicionário. Sua responsabilidade é assegurar os aspectos de construção do referido dicionário. O lexicógrafo deve ser prudente na constatação do nascimento de um neologismo; a prudência compara-se à que se deve ter diante do "falecimento" de uma palavra, que leva a um certo deslocamento entre o registro de lexicógrafos e a realidade do emprego na língua. Mas, de acordo com Guilbert (1975), o conjunto de precauções previstas confere peso ao ato de registro do neologismo e o torna considerado como aceitável pela comunidade inteira.

E, o processo, a neologia, é responsável pela utilização correta do sistema que permitirá a criação do neologismo, para que este não fuja as regras da língua. E estas regras são responsáveis pela coerção, sinalização, determinação e pelo emprego da nova unidade. Estabelecida a diferença entre neologia (processo) e neologismo (produto), de acordo com a visão de Barbosa (1981), é necessário, agora, dissertar sobre a tipologia do neologismo que será estudado neste trabalho, que é o neologismo semântico.

De acordo com a mesma autora, o neologismo semântico diferencia-se dos demais, por apoiar-se em uma base preexistente no léxico com um funcionamento sincrônico, que já existiu, ou foi adquirido por empréstimo de outra língua. O que permite, dessa forma, "o surgimento de uma significação nova para um mesmo segmento fonológico. Isso implica na não modificação morfo-fonológica do morfema lexical, em novas combinações intra-lexemáticas de elementos, passando a exercer a função de nova unidade de significação. (BARBOSA, 1981, p. 202).

Essa nova unidade é criada para satisfazer as necessidades ou para atender as convenções de um grupo social. Acredita-se que, quando A.A. cria o vocábulo **pseudosalmo**, pretendia, naquele momento, provocar um sentido inédito que atendesse suas necessidades e fosse capaz de estabelecer uma relação entre sua "língua" e o mundo, ou melhor, entre sua escrita e seus leitores.

Por isso, o autor apoiou-se em signos já existentes na língua, partindo do pressuposto de que o neologismo semântico é criado com base em "signos já existentes no código, em combinatórias inesperadas ou inéditas com outros signos do enunciado. O neologismo surge, então, como resultado de uma combinatória sêmica." (BARBOSA, 1981, p. 203). O que implica dizer que a autonomia da unidade lexical advém de um conjunto de semas descritivos constantes, que garantem sua diferença em relação às outras unidades comutáveis com ela no mesmo contexto.

Todavia, "um subconjunto, virtual, de semas associativos, cujos valores são definidos pelas distribuições do contexto" (BARBOSA, 1981, p. 204), compõe a unidade lexical. E as combinações permitidas pelo sistema, disponíveis a todos os falantes, originam novos vocábulos. Alguns desses vocábulos podem permanecer na língua, ou serem passageiros, criados no momento somente para atender as expectativas do sujeito em determinados contextos.

Verifica-se, então, que formas como **pseudo** e **salmo**, que têm um significado adaptado pelo dicionário, ao assumirem a forma **pseudosalmo**, atualizam novos traços no contexto da obra poética de A.A.. "Chega-se, assim, de maneira quase imperceptível a um neologismo semântico; quase sempre, a atualização, e emprego □reqüente de uma unidade lexical em combinatória contextuais inesperadas provoca esse fenômeno." (BARBOSA, 1981, p. 207)

Isso implica dizer que a criação do neologismo semântico ocorre por intermédio dos contextos enunciativos; por isso considera-se que, neste trabalho, o estudo se faz em torno do neologismo semântico, pois, para se chegar a um significado da nova unidade lexical, será utilizado o contexto. Somente ele poderá trazer de forma mais segura os significados dos neologismos elencados nessa pesquisa, mesmo não sendo idênticos os processos que os geram, uma vez que são diversos os modos de gerar a neologia semântica.

### 3. Material e Método

Para a macroestrutura do glossário foi feito um estudo da macroestrutura dos dicionários de Biderman (1998) e Martins (2001). Biderman (1998) afirma que um dicionário é um repositório da riqueza vocabular de uma língua. Ele reúne muitas informações, até mesmo do que se tem do mundo. Mas não é só isso, as palavras nele arroladas dão testemunho de uma cultura, no caso da língua, registram símbolos da nossa cultura, como também de muitas outras; com isso fica enriquecido o universo cultural de um povo, pois estes passam a fazer parte do nosso mundo, sendo registrados no nosso vocabulário por intermédio de novas palavras. Por isso, há tantas palavras estrangeiras e conceitos importados de outros povos.

Apesar de haver regras para a seleção vocabular de um dicionário, essas não são seguidas, na maioria das vezes, pelos dicionaristas, segundo estudos de lexicógrafos, a não ser em um trabalho como este, que tem objetivo claro, no caso fazer um estudo dos neologismos encontrados na obra em questão. É também o caso do estudo de Martins (2001), que trabalhou o léxico de Guimarães Rosa. A autora selecionou, de preferência, os vocábulos empregados com algum valor estilístico mais acentuado, vocábulos com alguma expressividade particular, como neologismos, arcaísmos ou vocábulos arcaizantes, empréstimos, onomatopéias, palavras populares, regionais ou eruditas. Ou seja, não foram incluídos vocábulos do léxico básico da língua, e não foi fácil a seleção vocabular, por isso a dúvida a respeito da inclusão ou não de determinadas palavras e, inevitavelmente, omissões e arrolamentos supérfluos de vocábulos.

Depois de algumas leituras acerca do sistema de macroestrutura, este glossário foi embasado, no sistema de entradas de Biderman (1998). O glossário a seguir não incluirá numerosos vocábulos, mas todos os neologismos constantes na obra *Eu e outras poesias*, *de* A.A., independente de serem de áreas técnicas ou não. Ou seja, constam no repertório desse glossário todas os vocábulos que não foram encontrados nos dicionários de exclusão do capítulo I. E trata-se de um glossário destinado a alunos de graduação de primeiro e segundo graus e a todos que se interessarem pelo assunto.

Será um glossário contextual. Não há nenhuma entrada, ou acepção de palavra, que não esteja explicitada por um contexto. Na verdade, não se conseguiria evidenciar claramente o sentido dos neologismos fora de seus contextos, pois, segundo Biderman (1998), no âmbito da Lexicografia Portuguesa, a inovação será a exemplificação sistemática dos significados e usos de toda e qualquer palavra e de cada acepção de um vocábulo. Acredita-se que a exemplificação seja mais uma importante fonte de informação, uma vez que o glossário servirá quase que exclusivamente para estudantes, cuja carência vocabular é visível, o que exige de dicionários e glossários uma leitura cada vez mais eficaz.

Sobre as informações existentes no glossário, não serão considerados os aspectos fonéticos, fonológicos e ortográficos, que Biderman adotou em seu dicionário, pois como já se disse, trata-se de um glossário, preocupado apenas com o sentido. E, sobretudo porque, de acordo com a autora, as normas ortográficas não estabelecem princípios claros para a separação silábica, quando ocorrer encontros vocálicos em que o primeiro elemento é uma semivogal /y / ou /w / - grafada i ou u – podendo formar uma sílaba com a vogal seguinte. Dependendo da velocidade da prolação, pode-se pronunciar esse encontro como ditongo (dito crescente) ou como hiato. Assim, seguindo sugestão de Celso Cunha, em sua gramática, a autora opta pela não separação, sobretudo em sílaba átona (pretônica ou postônica).

Cumpre salientar, para não haver dúvidas, que todos os poemas selecionados para análise, com seus respectivos neologismos, foram escolhidos com vistas a um único objetivo: dentro da obra poética de A.A, entende-se que os mesmos são significativos em termos de **amostra**, para comprovar a **hipótese** e o **argumento** de que as lexias usadas por A.A. têm valor diferente dos vocábulos já lexicalizados, são palavras que, no contexto, atualizam um sema novo. Cabe esclarecer que somente um neologismo, neste trabalho, terá estudo completo, para efeito de exemplificação, os demais apresentarão somente os sentidos, para atender às exigências de publicação.

Falou-se em "análise", justamente, porque, antes da criação do glossário propriamente dito, foram estabelecidas definições explicativas das possíveis bases dos neologismos, dadas por Silva (1844; 1949); Fonseca (1926); Bastos (1928) e Machado (1952). Isto foi feito antes do estabelecimento de seu sentido, pois, como se partiu da hipótese de que tais neologismos, dentro do contexto da obra poética de A.A., atualizam um sentido diferente do dicionarizado, tem-se que comprovar, apresentando-se, primeiro, o sentido já existente das bases e, em seguida, a confirmação de que, dentro do contexto, a formação neológica, a partir destas bases, apresenta sentidos diferentes.

### 4. Resultados e Discussão - Glossário dos nelogismos constantes no Eu e outras poesias.

Antes da análise dos dados, foi feito um estudo das bases lexicais dicionarizadas originárias dos neologismos do "Eu e outras poesias". Elas foram transcritas tal qual aparecem nos dicionários: Morais (1844; 1949); Fonseca (1926); Bastos (1928) e Machado (1952). Por exemplo, a palavra **câncer**, grafada em (1844) como **cancer**. O estudo vem comprovar que o poeta apoiou-se nas bases lexicais dos quadros, para a criação de suas lexias, mas os significados destas palavras descontextualizadas, nada têm a ver com os significados contextualizados, e a única forma de comprovar esta afirmação, foi demonstrando o significado dicionarizado da palavra e o significado dentro do contexto.

### 4.1. O glossário

### 001. Cancerosidades

Bases	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Lexicais	
Câncer	s. m. (do Lat.) Signo celeste do Zodíaco que se representa por um caranguejo; é o de 21 junho, tempo em que o sol principia a retroceder da sua marcha apparente. V. cancro (signo, e chaga); fig. "cancer da republica" M. Lus <sup>6</sup> .
Cancerar	v. a. (do Lat. Cancerare) Fazer degenerar, ou formar-se em cancer, ou cancro. Cancerar-se: formar-se em cancro; e fig. na culpa: afistular-se, inveterar-se no mao habito, que vai destruindo a consciencia moral; tê-la destruída <sup>7</sup>
Canceroso	A, adj. Da natureza do cancer. Em estado da chaga cancerosa: "chagas velhas, e cancerosas" T. d'Agor. 1. 4.8

Bases	Definição do Dicionário – Fonseca (1926)
Lexicais	
Canceroso	adj. (Med.) Que tem a natureza de cancro <sup>9</sup> .
Câncer	s. m. (Astr.) signo zodiacal// (astr. E geogr.) Trópico de cancer e do
	hemispherio austral, caranguejo cancro <sup>10</sup> .
Cancerar	v.n. (Med.) Tornar-se canceroso.// v.r. Cancerar.// (Fig.) Inveterar-
	se: Cancerar na culpa <sup>11</sup> .

<sup>8</sup> Ibid., p. 370.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> SILVA, Antônio de Morais. *Dicionário da língua portugueza*, 1844, p. 370).

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Ibid., p. 370.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> FONSECA, Simões da. *Novo dicionário encyclopédico ilustrado da língua portuguesa.* 1926, p. 287.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Ibid., p. 287.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Ibid., p. 287.

Bases	Definição do Dicionário – Bastos (1928)
Lexicais	
Canceroso	[rô]. adj. que tem os caracteres ou natureza de câncro. [De câncer] <sup>12</sup>
Câncer	[kãn-ssér], s. m. (astr.) constellação zodiacal; cancro; (astr.) trópico de câncer, o trópico austral (Do lat. Cancer) <sup>13.</sup>
Bases	Definição do Dicionário – Morais (1949)
Lexicais	
Canceroso	(ô), adj. (do lat. cancerosu-). Da natureza do cancro. // Em estado
	de chaga cancerosa: < <chagas cancerosas="" e="" velhas="">&gt;, Templos de</chagas>
	Agora, I, 4; < <removeram-no e<="" ferido="" lisboa,="" mas="" para="" td="" tão=""></removeram-no>
	canceroso da perna, que lha cortaram logo>> 14.
Câncer	s. m. (do lat. cancer). O mesmo que cancro, úlcera e caranguejo:
	< <tentou-o carne,="" cobrindo-o="" câncer="" de="" e="" e<="" lepra="" na="" própria="" td=""></tentou-o>
	fazendo-o todo uma chaga>> P. Antônio Vieira, Sermões, I 823. //
	Constelação zodiacal, correspondente ao trópico do hemisfério
	boreal <sup>15</sup> .

Base Lexical	Definição do Dicionário – Machado (1952)
Câncer	s. Do lat. cancer, < <caranguejo (plínio,="" 97);="" hist.,="" ix,="" nat.="" o<="" td=""></caranguejo>
	câncer, signo do Zodíaco; poet., O sul; calor violento; cancro>>;
	por via culta. Séc. XVI. << deita-se morda e queimada na chaga,
	logo come todo o cancer, a cria couro novo>> Fernão Cardim,
	Tratados da Terra e gente do Brasil, p. 75, ed. de 1925. Daí:
	cancerrado, do lat. canceratu, < <canceroso>&gt;;no séc. XV: &lt; a</canceroso>
	brelhe onde estiver inchado, e tudo o que estiver cancerrado (sic) o
	corta>>, Livros de Falcoaria em Boletim de Filologia, I, p. 227;
	cancerar, do lat. cancerare, cancerar-se, gangrenar-se>>; séc. XIX,
	D. V., vj., no entanto, o anterior; cancéride, de cancer; séc. XIX,
	D.V.; canceriforme, de canceri, de câncer + - forme; id. J
	canceroso, do lat. cancerosu, < <canceroso>&gt;; id. // cancro do lat.</canceroso>
	Câncer / cancrus, crancus, crancus; cf.: rnout – Meillet, s.v.) 16

Abonação:

# OS DOENTES

Ш

Sentir, adstritos ao quimiotropismo Erótico, os micróbios assanhados Passearam, como inúmeros soldados, Nas <cancerosidades> do organismo!

(In: A.A., Os doentes III, 1983, p. 108)

Vocábulo: cancerosidade s. m.

Análise: Observa-se que alguns dicionários trazem três bases para a formação do neologismo <cancerosidades>. Morais (1844) trabalha as bases: a) câncer, cujo significado refere-se ao signo celeste do Zodíaco, representado pelo caranguejo, ou seja, ele trabalha o significado da Astrologia; b) o verbo cancerar com sentido de fazer degenerar ou formar-se em câncer, algo que vai destruindo a consciência moral e por fim c) o adjetivo canceroso que também está ligado ao câncer, doença que implica em chagas velhas e cancerosas. No dicionário de (1949), Silva também trabalha o significado de cancerôso e câncer ambos quase que com o mesmo significado da sua edição de (1844,) só tornou as bases um pouco mais sombrias

<sup>14</sup> SILVA, Antônio de Morais. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 1949, p. 827

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> BASTOS, J. T. da Silva. *Dicionário etymológico, prosódico e orthográphico da língua portugueza*. 1928, p. 286.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Ibid., p. 286

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1952, p. 484.

com os exemplos que trouxe, porque nesta edição, ele acrescenta a lepra, como se câncer e lepra fossem palavras sinônimas.

Simões da Fonseca (1926) também traz três entradas que podem funcionar como bases para a criação do neologismo **cancerosidades**: a) *canceroso* adjetivo que tem a natureza de cancro; b) *cancer* substantivo masculino que está relacionado a Astrologia e a Geografia, como signo zodiacal e trópico de Câncer e do hemospherio austral; c) já a base *cancerar* é um verbo da Medicina que pode tornar alguém canceroso, mas o mais interessante no significado deste dicionário é o exemplo que ele traz com o sentido figurativo de inveterar-se, que o mesmo que cancerar na culpa.

Bastos (1928) também trabalha as bases *canceroso e câncer*, a primeira também refere-se ao cancro e a segunda, como nos exemplos anteriores, refere-se a constelação zodiacal e ao trópico de câncer, o trópico austral. Já Machado (1952) traz somente uma entrada com a palavra *câncer*, mas no significado do vocábulo são citadas todas as outras entradas trabalhadas pelos outros dicionários, denotando quase que o mesmo sentido, conforme exemplos acima.

Isso implica dizer que as bases acima, do ponto de vista de uma análise descontextualizada, estão intimamente ligadas à área da medicina, denotando a doença do câncer, aquele que sofre com o mal do tumor canceroso; à Astrologia, com o signo do câncer, ligado ao caranguejo, signo do mês de junho; à Geografia, que retrata o hemisfério austral.

Contudo, não se pode dizer o mesmo, quando se analisa o sentido da palavra derivada contextualizada, pois, dessa forma, o vocábulo ultrapassa a simples idéia da doença do câncer, ou refere-se à Astrologia ou à Geografia astral.

No contexto, <cancerosidade> representa as partes doentes do corpo, as partes do organismo sobre as quais os micróbios passeiam assanhados, tomam conta como se fossem soldados, pois estes órgãos já estão em decomposição, deformados como acontece com o câncer. Exemplos de cancerosidades seriam o pulmão doente a escarrar sangue, contaminado pela pneumonia, outra, o nervo óptico, a retina e os tendões de Aquiles, todos os exemplo anteriores são cancerosidades, órgãos doentes, disformes como um tumor cancerígeno.

Isso comprova que A.A. criou o neologismo a partir de uma das bases acima, denotando um novo sema ao vocábulo. Porém, percebe-se que em alguns segnificados dos dicionários, como em Silva (1844), a base *canceroso* denota algo disforme e velho, ou seja, é um sentido negativo de sofrimento, como para o vocábulo *cancerosidades* utilizado por A.A., que representa as partes podres, doentes do organismo humano, e isso fica bem enfatizado com o uso do sufixo –dade, que concebe ao substantivo <*cancerosidades*> um modo de ser, ou melhor dizendo, um estado disforme de alguns órgãos do organismo que são tomados pelos micróbios por estarem doentes, que agem como soldados detentores da podridão do organismo.

**Sentido**: **Cancerosidades** s. m. Partes doentes do organismo, componentes do corpo que estão em decomposição, por isso disformes, como o câncer. Órgãos doentes do corpo humano que são tomados pelos micróbios, seus detentores, por isso assumem formatos do câncer, ou seja, assumem uma aparência disforme, que não condiz com sua forma original, muito semelhante ao tumor cancerígeno, mas não é o câncer.

#### 002. DEUS-VERME

**Sentido: Deus-Verme** s. m. Ser que convive com a bactéria, nutre-se da podridão, rói vísceras, dilacera defuntos. Ser impuro, destruidor do Universo, que tem preferência por tudo que é podre, alimenta-se de restos humanos e destruidor do Universo.

# 003. HIPERCULMINAÇÃO

**Sentido**: **Hiperculminação** s. f. Luz da vida, perfeição divina, que ultrapassa a velocidade que um astro pode atingir no horizonte e está muito acima dos deuses e deusas do universo; luz do amanhecer, aquela que o homem nunca conseguiu atingir.

## 004. INTRA-ATÔMICA

Sentido: Intra-atômica s. f., atômica é uma expressão da Química, mas um novo sema é adaptado à palavra, pois o autor dá um sentido diferente à expressão ao inserir o prefixo –intra. O contexto denota que <intra-atômica> refere-se a uma energia interior que o corpo humano produz, levando o indivíduo ora ao prazer, ora à degradação, é uma verdadeira festa trágica e emocionante ao mesmo tempo. No caso do contexto, o trágico vence o emocionante e o corpo entra em decomposição, ou seja, os prótons que corresponde à parte positiva do átomo entrou em choque com os elétrons, parte negativa do átomo, causando a podridão da matéria, no caso, do corpo. O prefixo –intra enfatiza que tal degradação não se encontra no exterior da matéria, mas no interior, o homem sofre, apodrece por dentro, o que torna a dor ainda pior, pois

não se pode vê-la, uma que vez que pode ser comparada a um átomo com tamanho mínimo, invisível a olho nu, o que torna a cura para essa dor quase impossível.

### 005. INTRACEFÁLICA

**Sentido**: **Intracefálica** adj. f. Tortura emocional, peso de consciência, arrependimento, remorso. Culpa pelas atrocidades cometidas em vida.

### 006. ULTRA-EPILÉPTICOS

**Sentido**: **Ultra-epiléticos** s.m. (med.) Esforços da alma profundos que provocam um remorso indescritível; esforços mentais comparados a um ataque epilético, excessivamente profundo e extremamente triste.

### 007. INTRACÓSMICA

**Sentido**: **Intracósmica** s. f. Energia divina, detentora de todos os efeitos positivos, mãe de todas as energias. Aquela que está guardada e vem do conjunto do universo, ou seja, vem das estrelas, do Sol, da Lua, dos corpos Celestes, dos astros. Energia cuja função é movimentar o mundo, ou melhor dizendo, energia do mundo, do Globo Celeste.

### 008. PRÓ-DINÂMICA

**Sentido: Pró-dinâmica** s. f. Energia da juventude capaz de impulsionar dois corpos esqueléticos sempre para frente para que estes conquistem o que almejam, força comparada à da juventude, em que todas as energias estão à flor da pele, força que eleva a adrenalina do ser humano e o faz cada vez mais poderoso e persistente no que quer, como para alcançar ou viajar por todo o hemisfério.

### 009. INFRA-ASTRAL

**Sentido**: **Infra-astral** adj. m. Substância que detém o poder do imprescritível, que se originou de uma predeterminação imprescritível, cuja função é plasmar, aparelhar e talhar a alma do indivíduo. É uma substância calma, que absorve forças do Universo.

### 010. PSEUDO-REGOZIJO

**Sentido: Pseudo-regozijo** s. m. Prazer que se transforma em desprazer, porque, para um dos parceiros é verdadeiro, mas, para outro, é falso. Ou seja, prazer para os homens que procuram uma Meretriz e desprazer para a Meretriz que recebe os homens, pois muitas vezes a cortesã finge sentir prazer somente para agradar seu parceiro e dele conseguir o que deseja, dinheiro.

### 011. NOITAL

**Sentido**: **Noital** s.m. Vale que absorve o Sol, vale da escuridão eterna e profunda, que nunca recebe luz, sua característica é a negritude total e eterna. Cárcere do Sol.

### 012. PANCOSMOLÓGICA

**Pancosmológica** s. m. Totalidade do Universo, **pan-** igual a todo e **cosmo** universo, forma superlativa para caracterizar a exaustão das angústias do poeta.

### 013. PENETRAL

**Sentido**: **Penetral** s. m. Ser ou força Divina cuja função é guiar e direcionar aquele que jaz à derradeira estância, à derradeira porta de sua vida. Poder divino que leva o indivíduo à sombra virginal, ao descanso profundo da vida terrestre.

### 014. PSEUDOSALMO

**Sentido**: **Pseudosalmo** s. m. Falso cântico de paz, cântico do mal, cântico da a angústia, que leva o indivíduo, mesmo em meio a um ambiente de paz, a ouvir e a sentir um cântico angustioso e sofredor, por ser o verdadeiro cântico do inferno.

## 015. RUÍDO-CLARÃO

**Sentido**: **Ruído-clarão**: s. f. Revelação clara e evidente da ignorância do ser que insiste em manter seu subconsciente adormecido de forma primitiva, como um metal bruto que, quando lapidado, pode tomar outra forma. Explosão de esclarecimentos, alerta para os acontecimentos da vida, revelação da verdade. Despertar pelas revelações do subconsciente. Exposição clara da verdade, ou melhor, despertar claro e evidente da verdade que o homem insiste em não enxergar.

### 016. SUBRAQUIANOS

**Sentido**: **Subraquianos** adj. m. Deformação, enfeiamento das barbatanas dos hospedeiros do mar, deformação comparável a corpos de vítima.

### 017. ULTRAFATALIDADES

**Sentido: Ultrafatalidades** s. m. Morte fatal advinda de um estágio de ossatura em que se encontram o poeta e o tamarindo. Destino cruel e doentio, comparado às ossadas de um cadáver. Destino que antecipa o estado em decomposição em que os personagens se encontram. Excessiva fatalidade do destino, que dá a ambos, poeta e tamarindo, o fado da morte.

# 018. ULTRAINQUISITORIAL

**Sentido**: **Ultra-inquisitorial** s.m. Castigo de consciência profundamente sentido e extremamente doloroso, por demonstrar todas as neuroses do poeta em vida. Cárcere de privação cerebral, tortura mental. **019. ULTRAMONSTRUOSA** 

**Sentido**: **Ultramonstruosa** adj. Contraste marcante, cuja função é tomar conta da carne e da alma do poeta; oposições como Céu e Inferno; claro e escuro. Simultaneidade de contrastes **ultramonstruosa**, ou seja, horrenda, feia, mas não no sentido estético, e sim no sentido de oposição, que em hipótese alguma se mistura.

### 5. Conclusão

Dentro do que foi proposto para a pesquisa, ou seja, circunscrevendo-se ao estudo dos neologismos em Augusto dos Anjos, com vistas à construção de um glossário de toda produção neológica do autor, levando-se em conta, portanto, que as criações lexicais instituídas pelo poeta são inéditas, pois são formas não atestadas pelos dicionários e adquirem sentidos diferentes das bases lexicalizadas usadas pelo autor, acredita-se que, com esta pesquisa, conseguiram-se argumentos para ponderar sobre alguns pontos, quais sejam:

- 1º- Entende-se que foi relevante o procedimento teórico-metológico de pautar o estudo dos neologismos tomando por base um foco analítico da palavra constextualizada, pois assim foi possível perceber que o sentido da nova unidade depende única e exclusivamente do contexto para ser entendida.
- 2º Entende-se, também, que as novas criações só são possíveis porque existem bases lexicais que permitem tal criação, mas isso não quer dizer que as novas criações lexicais adquiram os mesmos significados das bases descontextualizadas, pois conforme foi verificado, um novo sema é adaptado à nova criação.
- 3º Foi pertinente a caracterização de adaptação de um sema novo à nova unidade lexical instauradora dos neologismos em A. A, todavia, ainda se questiona: pode-se expandir esse pressuposto teórico-metodológico para estudar o fenômeno neológico de uma maneira geral, em diversas situações de produção da linguagem? Provavelmente, sim, pois foram consideradas, neste trabalho, somente as formas não atestadas pelos dicionários como neológicas.
- 4º Puderam-se confirmar as reflexões na formulação da hipótese, como a necessidade de uma verificação no contingente poético de A. A., de que suas lexias possuíam um valor diferente das já lexicalizadas, porque um novo sema fora adquirido; que a língua está aberta a inúmeras criações, possibilitando o surgimento de novas unidades lexicais e que o texto poético é uma fonte riquíssima de novas criações, pois o poeta cria intencionalmente. Verificou-se que a criação lexical realmente possibilita a inserção de novos vocábulos na língua, permitidos pelo sistema. E sendo assim, a criação de um sentido também inédito, de acordo com o contexto, apresentar-se-á como fator preponderante para a interpretação do neologismo.

Com tudo isso, considera-se que se tenha suscitado no leitor, pelo menos, uma curiosidade crítica: é possível olhar as questões por mais de um ângulo, porque o que pode ser interpretado por alguns de uma forma pode ser visto pelo leitor de outra forma. Talvez com isso o ganho acadêmico seja muito precioso, pois os trabalhos só tendem a enriquecer. Sabe-se que os questionamentos existem, e se eles existem, com certeza também existem respostas. Tentou-se uma pesquisa que desse uma possível resposta, ainda que modesta. Assim como a língua está aberta a inúmeras criações, essas criações também estão abertas a inúmeras interpretações.

# 6. Referências bibliográficas

ANJOS, A. dos. *Eu e outras poesias*. 35ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. 285 p.

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981. 323 p.

\_\_\_\_\_\_. Aspectos da produção dos vocábulos técnico-ci*entíficos*. In: *Anais do XVII GEL*. São Paulo: USP, 1989a. 184 p.

\_\_\_\_\_\_. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: Alves. I. M. (Org.) *A constituição da* 

normalização terminológica no Brasil. 2. ed. São Paulo: FFLCH; CITRAT, 2001. p. 23-45.

BASTOS, J. T. Diccionário etymológico, prosódico e orthográphico da língua portugueza. 2. ed. Lisboa: